

Sugestões de títulos e orientações para o trabalho em sala de aula — complementar ao *Caderno de Leituras*

O trabalho em sala de aula com quadrinhos: uma experiência transformadora

Heloisa Moreira e Silvia Catunda

professoras do ensino fundamental II do Colégio Santa Cruz

Já na primeira leitura *Persépolis* fascina; consome-se um volume atrás do outro quase sem respirar. Foi imediata a ideia de trabalhar o livro com os alunos da 6ª série (7º ano), uma vez que a protagonista tem a mesma idade deles, em parte da história. Traçamos rapidamente um projeto interdisciplinar, que concretizou-se, graças ao interesse dos alunos e empenho dos professores, de maneira ainda mais profunda do que nossa ideia original. É essa experiência do trabalho com uma narrativa em quadrinhos que descrevemos aqui.

Marjane Satrapi, de origem iraniana, escreveu o livro para contar aos amigos europeus como foi sua vida até morar definitivamente na França. Ao nos revelar suas emoções e intimidades, a autora apresenta a história do Irã e muito mais. Por um lado, entramos em contato com sentimentos conhecidos mas nem sempre compartilhados; por outro, descobrimos uma realidade diversa da nossa, diferente inclusive daquela apresentada na mídia. Por meio do olhar de uma iraniana educada nos padrões europeus, aproximamo-nos de um oriente “traduzido”; ou seja, vivenciado como um espaço de semelhanças e diferenças, presentes nos choques culturais que o livro apresenta.

Por ser em quadrinhos, a autobiografia desperta o interesse dos alunos, que imaginam uma leitura rápida e fácil. Eles logo percebem, no entanto, que *Persépolis* exige mais do que as HQs que estão acostumados a ler. Entre elas, têm como referência, sobretudo, a *Turma da Mônica* e os mangás japoneses. A comparação entre as linguagens visuais surge espontaneamente. Notam que o desenho quase infantil vem acompanhado de uma história que não foi escrita para crianças. Comentam que o traço simples, em preto e branco, lembra o nosso cordel. É menos cinematográfico que os mangás, utiliza poucos recursos como vinhetas de diferentes tamanhos e formas, ângulos de visão superior (*plongé*) ou de visão inferior (*contre-plongé*). Contudo, seu ritmo é tão intenso quanto nas histórias vividas por

heróis e vilões como o *Lobo Solitário* e *Sandman* (considerados mangás ocidentalizados).

A espontaneidade na forma de expressar-se e o humor conferem ao livro leveza ao lidar com temas complexos, como diferença de classes, tortura, morte. Essa polivalência do desenho é o retrato da adolescência com seus conflitos e polaridades. As muitas referências, de Che Guevara a Descartes, de Iron Maiden a Marx, trazem à tona o universo de alguém que adora ler e recorreu aos livros para conseguir entender o que se passava em seu país e nas discussões em sua própria casa.

Para trabalhar com os alunos, decidimos fazer um recorte. Apesar de os quatro volumes constituírem um todo, há dois blocos do ponto de vista da maturidade e da densidade dos problemas em questão. Os dois primeiros volumes, quando a autora tem entre dez e catorze anos, abordam questões muito próximas daquelas pelas quais os alunos de 6ª série passam. A pequena Marjane começa a perceber o mundo com algum distanciamento e reflete sobre ele: o que é religião, como ter acesso a mais informações, a vida em família, a descoberta dos amigos. Já nos dois últimos, ela vai viver em outro país, longe de sua família, e se vê diante de questões da passagem para a vida adulta — as escolhas e suas consequências, as experiências de vida e a solidão.

Nas aulas de português, os alunos discutiram episódios, aproveitando para falar sobre ética, cidadania, alteridade; e também sobre a importância na vida de Marjane de aprender e compreender o mundo através dos livros. Já a disciplina de ensino religioso pôde apresentar aos alunos o islamismo, sua história, crenças e costumes, e também discutir questionamentos filosóficos sobre religião. A professora de história aproveitou os dados que aparecem ao longo do livro para ajudar os alunos a compreender a cultura persa, desde suas origens até o atual Irã. Com a ajuda da geografia os alunos debruçaram-se sobre o Oriente Médio e puderam entender um pouco mais sobre questões como petróleo, conflito Irã-Iraque, terrorismo e comunismo *versus* capitalismo.

Os alunos envolveram-se com o trabalho, descobriram um país, uma cultura, uma religião. Perceberam a riqueza de informações que têm nas mãos, saíram transformados e mais maduros para vivenciarem novas leituras. Ou seja, *Persépolis* propicia tudo o que se espera da literatura: a arte de conhecer o outro para que possamos conhecer melhor a nós mesmos.